



Livros Crítica:

Guia seguro pelo universo da ironia

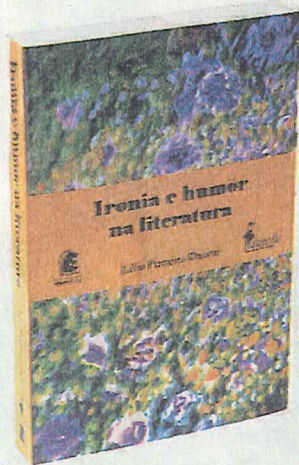
Em 21 ensaios, Lélia Parreira Duarte analisa o tema com precisão em autores como Garret, Vieira, Eça e Pessoa

Elias Thomé Saliba

ESPECIAL PARA O ESTADO

“Somente não debes nunca empregar a ironia, esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos cétricos e desabusados.” Os leitores certamente se lembram deste sábio conselho do pai ao jovem filho, no famoso conto *O Medalhão*, de Machado de Assis. Em *Ironia e Humor na Literatura*, Lélia Parreira Duarte reúne 21 ensaios que constituem um seguro guia de viagem através deste amplo, intrincado e misterioso universo da ironia, tão concisamente resumido na fala do personagem de Machado.

Ironia é aquela figura de retórica na qual se diz o contrário do que se diz – e que, por isto, implica o reconhecimento da potencialidade de mentira implícita na linguagem. Mas fora desta definição trivial, que transforma a ironia numa espécie de curinga do baralho estético, tudo o mais pode ser dito e revisto sem nenhum critério satisfatório. Partindo das diferenças históricas entre a ironia clássica e romântica, Lélia distingue a ironia retórica – aquela que busca estabelecer verdades que interessam a uma certa perspectiva e que se põe a serviço das ideologias – da ironia humorística – anárquica, descompromissada, ambígua e que se aplica unicamente a demonstrar a impossibilidade de um sentido claro e definitivo. A autora não se limita, contudo, ao puro debate conceitual, analisando com viva-



Ironia e Humor na Literatura

Lélia Parreira Duarte

Alameda

360 págs., R\$ 42

cidade e precisão, as contorções labirínticas da ironia em Fernão Mendes Pinto, Vieira, Garret, Eça de Queirós, Fernando Pessoa, Dostoiévski e Guimarães Rosa.

Em todos os ensaios a ênfase parece recair mais sobre a ironia humorística do que sobre a ironia retórica, porque, afinal, não existe ironia sem a figura do ironista – e as iluminações surgem sempre através daquele riso franco e aberto, nascido daquelas piscadelas irônicas que o narrador nos dá através das suas personagens. O ironista autêntico é aquele que tenta, a todo custo, entrar disfarçado na própria atitude do leitor para poder desconstruí-la a partir de dentro. Independentemente dos ismos aos quais se filiam, quase todos os escritores analisados transformam-se em humoristas – ou seja, naqueles que convidam

a perceber a alteridade, a ver um outro aspecto da mesma coisa, por estarem, ao mesmo tempo, tão próximos e tão distantes de suas personagens. Como dizia, não sem ironia, Wittgenstein, num dos seus aforismos: é só através do solavanco mental da anedota que se pode mostrar a saída à mosca presa no vidro. E a liberdade das personagens ficcionais é a mesma do seu criador, pois ambos não têm compromissos com normas estéticas, gramaticais, éticas ou de narratologia. Talvez por isso as crianças ganhem um estatuto privilegiado na ficção de Guimarães Rosa: sua credulidade e, ao mesmo tempo, sua capacidade de enganar, sua disponibilidade para adaptar-se, para viver integralmente o instante, exiladas de um lógica racionalista e mobilizadas para jogar com a linguagem. Para verificar a realidade, é necessário vê-la brincando na corda bamba da linguagem.

No fim da viagem é certamente possível convencer-se de que toda ironia se transforma, afinal, naquela estreita porta por onde pode começar a libertação. “É a ironia que lhe fornece, a cada dia, uma chave para sair de sua prisão”, escreveu Anatole France. Ou, como dizia Stanislaw Lec, outro mestre do solavanco mental: “Abre-te, Sésamo – quero sair!” ●

Elias Thomé Saliba é professor da USP e autor de *Raízes do Riso*